

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, Loja da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

Sr. Edictor.

*Omnes ad omnia ista nati sumus;
cum irritator accessit, tunc illa bona,
velut sopita excitantur.*

Passados os bellos dias da nossa Independencia; passados os momentos de entusiasmo pelo seo augusto author, depois da dissolução da Constituinte; os homens, que mais ardor sentião pela independencia da Patria; que mais sangue verterão por ella, começavão á tornar-se tristes e descontentes, porque a experiencia entrou-lhes á mostrar que o que tinham encontrado de real, era o ficar no mesmo estado, em que se achavão antes da gloriosa separação. O Augusto Fundador do Imperio, que não receiava que alguém viesse lhe disputar o poder, quem quer que elle fosse; á despeito dos costumes, á despeito das antipathias alimentadas desde o berço pelo leite do prejuizo, satisfez todas as nobres ambições, galardoou o merito, onde quer que elle appareceo; e deste modo desapareceu o descontentamento, a alegria renasceu, e os homens, cujos corações mais batem pelo amor da patria, O olhárão depois, como seo redemptor, como seo salvador.

Então o partido, que fez arrebentar as cordas, ou cadeas, que nos ligavão

á mai-patria, partido, que pretendia fazer tanto huma monarchia, como eu pretendo preparar huma corda para me enforcar; começou á continuar na sua obra, isto he, nos fundamentos da sua republica. E para isso com as côres do liberalismo, com as côres do amor da igualdade, estabelece huma opposição systematica contra o governo de D. Pedro I., que nunca mais achou descanso, senão na abdicação. Essa numerosa classe de homens francos e leaes, que excitão o rancor de muitos, o desprezo de quasi todos, e a piedade ou compaixão de poucos; não se importava com constituição de papel, nem com liberdade de periodicos: elles achavão em D. Pedro hum código vivo de justiça e de graças, e para elles D. Pedro, e independencia erão tudo. Então o partido republicano, que não era composto de mulattos (lá está o Rio Grande), começou por indispor aquelles homens contra a Pessoa de D. Pedro, aliciando á si todos os que podia, exagerando as perseguições, que se fazião á hum, ou á outro: e para isso, quando hum empregado publico relaxado, de má conduta, era destituido do lugar, e era homem de côr; os jornaes da epoca proclamavão: He porque he homem de côr, por isso foi lançado fora do

emprego: o governo he aristocrata, despreza os homens de côr; só quer os Portuguezes. Se hum *Bibiribe*, *Arocira*, ou *Japcanga* era lançado fora das fileiras do exercito pela sua crapula, pela sua relaxação, pela sua perversidade; huma subscrição em favor do *patriota* apparecia logo, o *liberal* era levado em triumpho, e os jornaes da *propaganda* exclamavão: Eis mais huma victima do despotismo, eis mais hum anathomizado pelo governo aristocratico, que persegue aos Brasileiros, que só quer Portuguezes para se sustentar, e os *patriotas* são lançados fora, por serem homens de côr. Com este systema, e com a publicação da perfida *Carta das Liberdades Brasileiras* (que não foi escripta por mulato, ao menos destes, que não negão) esse partido insinúa que hum ministro do Monarcha, e de origem portugueza, he o autor dessa semente de discordia (e não a carta do *Americus*), e nos seos jornaes excita, senão a vingança, pelo menos a desconfiança dos mulatos para com o governo de D. Pedro; e mesmo os que mais obrigações devião ao Principe, lhe derão costas e se alistarão nas bandeiras da perfidia, e concorrem, sem saber o que fazem, para derribar o seo bemfeitor, o protector de suas liberdades e direitos!...

Viremos essa pagina negra, e vejamos o que forão os homens de côr, depois da abdicação. Todo o que occupou o cargo de representante, não entrou mais na urna nacional; todo o que occupava hum posto, hum commando, foi tido por suspeito, foi lançado fora; todo o que pelo seo talento, pela sua capacidade deixou transpirar o desejo de tomar parte na causa publica, em quem se notou huma nobre ambição, com o negro carvão da calumnia tingio-se o seo nome com as infames cores de chefe de negros: todo o, que murmurou das perseguições,

das preterições, dos insultos... foi tido por anarchista, por haytiano! Aviltados os mais distinctos por sua conducta, por sua educação, por seo saber e honra; espavoridos os menos illustrados, sentida a necessidade da força para dominar, o silencio, symbolo da paz dos tyrannos, representou a ordem, e a tranquillidade; ninguem ousou queixar-se. Assim passou o *feliz reinado*, que succedeo á abdicação, e que expirou em 12 de Outubro de 1835, reinado de minha execravel recordação, e de todos os homens de côr, que se não injurião de o ser!

Apparece a rebelião da Bahia (podesse eu publicar o que sei a este respeito, sem faltar á mihi, e á pessoa, que me confiou os nomes de seos verdadeiros conspirados!!!) e teve hum, ou mais mulatos a insolencia de occupar lugares eminentes do governo rebelde, e mesmo rebelde causou ciume: institue-se hum processo, e o crime he encabeçado no artigo 113 do codigo, id est, *irsurreição de escravos*: os réos pelas disposições do artigo 114 são condemnados á morte: e a Liga, que deseja a paz e a harmonia com todos os Brasileiros, que soffrem calados, nada diz sobre este insulto, e esta atrocidade; parece que está escrevendo na China. Então o *Americus*, que he tão brasileiro, e tão bom, como qualquer dos redactores da Liga; que ama tanto esta patria, onde nasceo, e por quem não tem feito tanto, como qualquer dos redactores da Liga, porque muita gente, que prega liga de papel, não quer liga, senão nos *capatos*; então o *Americus* que não sabe, e não pode soffrer calado, porque quem se fez ovelha, o lobo come; cheio de despeito, e de ira, não santa, exclama: Qual liga, nem pera liga!...

Este crime não devia ficar impune; mas quem ha de se occupar de punir o *Americus*? hum personagem do Bug-Jargal de Victor Hugo! Repelle o Ame-

rias os seus insultos, e mostra alguns motivos de justas queixas: a Liga suspende suas publicações, retira-se segundo consta da Typographia do Sr. Brito, como que isto devesse influir na discussão inselada, e despede-se, dando conselhos ao *Americus* que illustre com seus conhecimentos aos de sua cor! Eu responderei ás reflexões da Liga, que parece ter pleno conhecimento do *Americus*. Mas antes que lhe responda: releva que faça algumas reflexões á cerca da questão, de que se occuparão o *Americus*, o Sr. João Fernandes, e a Liga Americana.

• Pretender negar a existencia de hum prejuizo, que existe em toda a America, desde que nella se fundarão estabelecimentos de homens livres e escravos, de homens brancos e pretos, á respeito da raça negra e seus descendentes; he negar a existencia do Sol ao meio dia! Desde que se estabeleceo hum direito que o homem podia vender outro homem; que a mulher escrava não podia parir filhos livres, e que o homem livre descendente, ou nascido de ventre escravo devia trazer consigo desde a origem o ferrete de sua inferioridade; e que na alvura da pelle estava a superioridade e o direito de mandar: não era possível que estes principios nunca contestados, e sancionados pelos seculos, deixassem de ser considerados como Religião do Paiz. E tal he o imperio do habito, que se repete todos os dias, e sem má fé, e desejo de rebaixar: *He preto nas cores, tem acções de branco, he pena ser mulato.* Isto quando se não podem occultar as virtudes: e quando por má fortuna commettem as mesmas faltas, que todos os homens pois que as qualidades moraes não pertencem exclusivamente á esta ou aquella casta de homens, costuma-se dizer: *Basta ser negro? assim não fora elle mulato, sempre he bode!!..* Quem não tem ouvido isto todos os dias, e em todas as epocas? a Liga, ou antes os seus

Redactores. Quantas vezes não se desejaria engulir as palavras, que o habito tom feito sahir pela bocca fora em presença daquelles que desejariam que não ouvissem? Mettão a mão na sua consciencia, e não chamem o *Americus* intrigante! • Quereis que vossa sobrinha tenha hum educação de mulatinha? exclama hum personagem, que mais grita contra o prejuizo, e com desejo de o destruir! e quando volve os olhos encontra hum homem de cor, á quem tanto estima, e cujos talentos admira; e estupefacto elle e todos quantos presentes se achão, não sabe que conducta tenha!!! Pensará a Liga que isto acontecêra em 1620? ou que fora dito por algum homem ordinario? Podesse o *Americus* citar a epoca, o lugar, e as pessoas presentes!.. O habito he hum segunda natureza, e só o voraz tempo com novos habitos poderá destruir os velhos.

Desde a descoberta do Brasil, ou para fallar com mais precisão, desde a introdução de escravos negros em Portugal, com que se povoou principalmente o reino do Algarve e Alentejo, e depois o Brasil: que se considerou a cor branca, como a representante do dominio. E particularmente no Brasil desde essa epoca, na pelle he que se estabelecerão as gradações sociaes, que existem nos paizes, onde ha hum só cor: a aristocracia compoz-se dos, que tinham a pelle branca ou que o parecesse; a classe media formou-se dos de pelle vermelha, e o baixo povo dos que a tinham preta. Nos paizes, onde hum só cor existe, compõe-se a aristocracia dos que fizeram relevantes serviços ao estado e que por elles obtiverão titulos honorificos; das altas patentes, das grandes fortunas, e dos talentos eminentes; a classe media se compõe dos negociantes, dos manufactureiros, dos homens de letras, dos que professão as artes liberaes, dos agricultores &c.: e o baixo povo

ou a plebe he formada dos obreiros, dos servos, dos trabalhadores, e dos proletarios. E como nas classes inferiores tambem apparecem espiritos extraordinarios, e os espiritos sublimes tendem a occupar as eminencias, porque a natureza não os creou para andarem de rojo: observa-se na alta aristocracia entes, que vierão do origem obscura, e que com tudo não houve força que obstar podesse o vôo da capacidade. Porém lá, onde a pelle vermelha, ou escura he considerada qualidade sempre inferior, o talento, a sublimidade do espirito he huma proclamação contra a ordem publica; he a anarchia em pessoa. Não se pense que he hum cortejo ao merito, se se vê hum ou outro individuo de côr á par das grandes personagens (nos bailas, e outras funcções somente) isso he devido muitas vezes ao favor, á transigencia, ou ao desejo de contentar á hum espirito nobre, e que se pretende satisfazer com essa cortezia! E assim mesmo o que acontece.... as vistas se dirigem para elles como para criminosos, todos se admirão, e parece que se dizem huns aos outros: «como estão aqui?». E com tudo *apparent rari nantes in gurgite vasto!!*

Agora vamos á Liga. Ella diz que o *Americus* fez de proposito a sua primeira correspondencia, com o fim de instigar huma discussão; certamente o *Americus*, que he hum *despresivel*, segundo o Sr. João Fernandes, não esperava por esta ingenuidade da Liga: pois se ella conheceo que era de proposito, e que huma semelhante discussão, a pesar da ameaça do Sr. João Fernandes, que tanto se parece com o celebre deputado do Bug-Jargal, quando diz que a raposa tanto faz na semana, que no domingo não ouve a missa; não podia deixar de trazer cousas desagradaveis; para que não deixou a carta do *Americus* na luma, para que não a despresou, e foi transcrevendo a inso-

lentissima correspondencia do Sr. João Fernandes, que veio dar lugar á esta amarga discussão? Ao *Americus* não restará nenhum gloria em vencer; mas elle não larga mais a penna, em quanto a Liga, o Sr. João Fernandes, ou quem quer que seja continuar a insulta-lo. Deem a entender quem elle seja, descrevão-o mesmo, indaguem, pesquise, e proclamem o seu nome com o fim de o fazer calar: tudo será tempo perdido; o puphal da calumnia e da intriga, com que ferirão esse, que presumem ser o *Americus*, já quebrou a ponta; o assassino era pago, ferio com susto, errou o coração, cravou no osso! Razão! Oh! razão (depois de Deos, unica divindade, unico poder que en respeito) tu serás sempre e sempre a Rainha do universo! tu só podes mais do que quantos exercitos numerosos se disciplinem; tu só, e mais nada, dominarás! tu hes huma porção do Eterno, e aquelle, que mais te possuir, mais perto estará da divindade, elle será hum semi-deos, e se rirá dos mortaes: tu hes incompressivel, não he dado á ninguem o poder de te abafar: se se destroe o corpo, onde tens assento, nada soffres, váis para teu lugar, váis para o todo, de que fazes parte: se o corpo se conserva, embora o afflijão, embora o mortifiquem, embora o pizem, tu brilharás sempre!

Diz a Liga no seu n. 17: «porque se hum ou outro, que pensa, como o Sr. *Americus*, possuido de huma ideia fixa, não quer a união de seus patricios de diferentes classes, outros a desejão, não encherendo classes, e só vendo Brasileiros, &c.» Se a Liga conhece que ha Brasileiros, que tem ideia fixa de oppor-se á união com outros de côr mais escura, assim como suppõe que o *Americus* tem para unir-se com os mais claros, ideia que nunca teve o *Americus*, e nem terá, pois que era reconhecer razão na injustiça dos outros: se a Liga conhece que ha entes

tão prejudicados, que julgão que a elevação de hum homem do cõr (dos que não podem esconder) ás eminencias sociais, he humma marca de deshonra, e de aviltamento á classe branca; se a Liga conhece, se quer ser franca, que ha homens de ideus fixas que lhos não permittem supportar a superioridade da intelligencia de alguns homens de cõr; porque em vez de dizer-lhos: «Calai-vos, injustos e aprenhei que a cõr do homem não he mais, do que hum accidente natural: que esse accidente lhe não muda a essencia, elle he sempre hum homem; elle não differe hum do outro, ainda que variem as cores; tomai o selagem desta ou d'aquella outra cõr; mudai-lhe a condição, civilisai-o, instrui-o; não differe ainda hum do outro, esta sempre igual, o coração e a alma não tem cõr, e se a tem he a mesma: e quereis que taes ideias caem em hum paiz, cuja população livre se compõe de todas as cores, e á porfia colaborou na sagrada causa de nossa independencia e liberdade? Instrui-vos dos vossos deveres, e direitos, dos direitos e deveres dos homens, e outro serii vosso procedimento, cessareis então de ser injustos... em vez de dizer-lhes estas verdades, digo, volta-se para o pobre *Americus*, que apenas apresenta as suas queixas e os motivos della? seja a Liga mais justa, e reconheça que não ha perigo em gritar: — Ai que pisas — Mas não admira que a Liga se assuste com as queixas do *Americus*: foi, e he sempre maxima de todo o poder forte, e constituido; sempre que se lhe apontão as injustiças, o abuso, que faz de sua força, e que se lhe faz opposição; armando-se de seu poder, o acastelando-se; exclama: — São inimigos da ordem, são anarchistas, querem dividir a Sociedade para alcançar o mundo, aspirão aos empregos. »

Não se pense que o poder em hum Estado he só aquelle, que está estabelecido nas Constituições: onde está a

força, a illustração, e a riqueza, está o poder. Neste paiz se o clero he numeroso, illustrado, e rico, elle he que ho o poder, elle he que influe e dirige o Governo: n'aquelle se os nobres são ricos, illustrados, e numerosos, nelles está a força o o poder: neste outro se ha humma raça illustrada, laboriosa, e rica mettida no meio de humma grande massa bruta, estúpida, selvagem, sem educação, sem moral, sem Religião, sem costumes; na raça illustrada, laboriosa e rica he, que está a força, e o poder. E como todo o poder he suspeito, principalmente quando cessa de reinar o silencio, que lhe dá a consciencia de sua força; elle comença a urdir perseguições, em lugar de fazer concessões, ou transacções, á declarar guerra, em lugar de alianças. Que he preciso fazer? perguntae-o ao restaurador de Bizancio, ao fundador do Baixo Imperio. Quando elle vio o mundo de seu tempo tornar-se Christão, que fez Constantino? Deixou-se ficar pagão? Não, arranjon-se debaixo da Cruz, que se tornou o novo estandarte do universo, e a salvação do Estado foi o seu verdadeiro *labarum*. Elle arvorou sobre sua corôa o signo, que prevalecia sobre a terra. Vede o que teria sido deste Principe, se collocando-se em opposição directa com o estado do Imperio, em lugar de ligar-se aos novos altares, se tivesse agarrado aos altares do paganismo, que se desmoronavão, e se tivesse feito a insensata tentativa de reger com a parte, que se conservasse pagã, estando a totalidade christã! Deste modo salvou Constantino á si, e ao Imperio. Quando não se he o mais forte, o que he preciso fazer? Approximar-se, quando não se pode mais batter-se. O que he ainda preciso fazer? Pactuar. He muito tarde, está passada a hora para se oppôr d'ora em diante com fructo, e com razão que se satisfação ambicões nobres. Quando se era mais forte,

quando se estava mais rounido (mais ligado) e como em massa, 1851, nada pôde; todas as tentativas nada avançarão. Elles apressarão mais, do que dividirão. Vede o que tem acontecido de então para cá! Dir-se-hia que hum genio maligno se tem divertido em embarçar e em voltar em sentido contrario a tudo o que se propunha fazer. Pode-se negar huma syllaba deste capitulo? E se elle he bem constante, bem consistente, pode-se não ser levado a concluir que, se tudo o que se tem feito aqui, de nada tem servido, he preciso procurar outra causa? O capitulo humano he falso, se esta consequencia he justa.

(Continuar-se-ha).

Quando nós publicamos no nosso numero antecedente huma lista dos Deputados despachados pelo governo, sem ser por escala ou accesso, por isso apparecerão n'ellas os nomes dos Srs. Sebastião do Rego Barros, e Francisco do Rego Barros; e quando nós preparavamos a desfazer este engano, não só por terem estes Senhores sido promovidos por direito, como por não serem capazes de empenhar seu voto, por quaisquer considerações, recebemos huma correspondencia do Sr. Francisco Leitão de Almeida, em que, resentido pela offensa irrogada a seus illustres Amigos, nos lança em rosto a falta commetida por nossa folha, que, mais que muito estava na razão de não offender pessoas com quem tinhamos direito de sympathisar.

Nós não publicamos a correspondencia, por evitarmos polemicar; mas damos ao Sr. Leitão, no presente artigo, huma prova que de certo o satisfará, não só porque mostramos que elle com terror se apressou a defender aquelles Senhores, como que ja mais foi nossa intenção lançar semelhante label sobre a reputação de tão illustres Deputados. Tratando porem o Sr.

Leitão de defender de igual modo ao Sr. Maciel Monteiro, permittirá, que lhe digamos, que não estamos para com elle na mesma obrigação, que para com os outros, por ter sido este Sr. despachado sem ser por escala ou accesso. Quanto ao dizer o Sr. Leitão, que este seu illustre Amigo não era capaz de empenhar seu voto para obter aquelle emprego, ou qualquer outro; nós o acreditamos, pela certeza que temos de que o Sr. Leitão não o defenderia tão ardentemente sem ter exuberantes provas de sua honradez.

Cremos, fazendo estas observações, darmos, como sempre, huma prova daquella imparcialidade, que nos caracteriza; pois que sendo nossa intenção desmascarar aquellas de nossas Notabilidades, que com bulas falsas nos vendem gato por lebre, fazendo toda a sorte de indignidades e vilezas, não queremos, nem de leve, offender com as nossas picantes censuras o melindre de pessoas dignas de consideração por sua inteireza, e imparcialidade.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor da Ortiga. — Tendo sido em se numero 14 de Sabbado 8 de Fevereiro hum artigo acerca das arbitrariedades do Sr. Ministro da Guerra: rogo-lhe haja de conceder-me algumas columnas do seu apreciavel Jornal, a fim de que eu diga o que sei respeito ao Exm. Conde de Lages. Timoleo Zallony, estrangeiro (não sei de que Nação) foi elevado ao posto de Capitão do Estado Maior do Exército no dia 15 de Dezembro. Este estrangeiro não era vendedor de boncos, mas sim vendedor de copos de filipinas na Rua direita em hum Caffé, ou Hotel; e se foi elevado a aquelle posto, foi porque teve a ventura de servir em Portugal, na qualidade de Alferes, com o ex-Imperador do Brasil; serviços estes que o Sr. Conde da Guerra, e Ministro Lages, não pôde de recompensar, em conse-

quando de sympathia que S. Ex. tem com Portugal, ainda que he Brasileiro. Sizisnando Antonio de Oliveira, Alferes do 8.º Batalhão de Cassadores da 1.ª Linha, da Provincia do Rio Grande do Sul, estava servindo desde principios de 1835, até Junho de 1859, no Estado Oriental, ao General Frutuoso Rivera, e por seus distinctos serviços prestados a aquelle Caudilho, mereceu ser por elle elevado ao posto de Tenente Coronel do 1.º Exercito; eis quando vejo este Estrangeiro promovido ao posto de Tenente do Exercito do Brasil, no dia 2 de Dezembro, Natalicio de S. M. I. Quisera, Sr. Redactor, que Vm. perguntasse ao Sr. Ministro da Guerra qual o Artigo Constitucional que considera o tal Alferes Sizisnando Cidadão Brasileiro, em que destino se achava no mappa de seu respectivo corpo este official, durante tres annos que servio na anarchia do Estado Oriental; e porque apegaderia lhe forão pagos seus soldos. Em quanto S. Ex. o Sr. Conde de Lagos Ministro de Guerra, pratica estes actos de philantropia com os Estrangeiros; Brasileiros Natos, que servio 18 annos á sua Patria, 12 em Official, requierem suas reintegrações, e ahi diz — sentem praça novamente de Cadetes, a fim de serem promovidos — e ditas estas palavras, já o Sr. Ministro mandou aprontar hum par de pistolas no Arsenal de Guerra, a fim de que fosse obediencia pelas armas; e mesmo porque o Ordemado, que S. Ex. tem annualmente, não chega para comprar hum par de pistolas. Tudo vai bem; o Brasil ja está levantando a ancora, e os Ministros ja estão pondo á vella. Quisera, Sr. Redactor, inserir essas mal trazidas palavras, os quaes levão o canho da verdade, servindo-me ao mesmo tempo o obsequio de corrigil-as, do que lhe S. Ex. muito obrigado.

Hum Alferes de reintegrado, por ser Brasileiro.

— Como se tem dito mais de humavez, e agora se nos tem repetido, que os homens de cor não tem razão em se mostrarem hoje resentidos e desconfiados, porque os Republicanos aristocratas não os menosprezão, nem em publico, nem em particular, e antes os encorajão, e desejão ver os florescer; nós para atturdiarmos aquelles, que ainda de boa fé assim pensão, abaixo transcrevemos, do *Noticiador* de S. Paulo, na 37, de 19 de Fevereiro do corrente anno (que não he escripto por homem de cor, nem por estapido mercenario) o composto de nobres, que, tratando-se da nomeação dos Officiaes da G. N., se por eleição, se pelo governo, despejou, no seio da Camara Provincial, Carlos Carneiro de Campos, o que foi energicamente combatido pelo desinteressado e Venerando sustentaculo da Monarchia Constitucional o Sr. Martin Francisco, em hum lindo discurso, mostrando a dignidade da G. N., que transcreveremos no seguinte. Decidão os leitores imparciaes, quão consideração se dá de mais peso: si as de hum respeitavel velho, nunca vendido ao poder, nunca deixado levar por influencias aristocraticas, nem curvando-se, qual misero cativo, que impellido-se — Canoa — a troco de vinte reis suporta nos hombros o peso de qualquer passante, que a pé encharado atravessa as ruas inundadas das ruas, com o mesmo gosto com que hum ganhador politico recebe dinheiro ou emprego a troco de seu voto; ou as de hum triste membro de hum familia sem prestigio, e se se fazendo notavel pelo despejo com que gratuitamente, para encantar se branco, que não he, offende não só a lei fundamental do Imperio, como a hum sem numero de Cidadãos Brasileiros mais dignos por seus talentos, honras, e ardor patriótico, de occuparem importantes lugares em que poderiam ser de utilidade collocados tanto ao Estado, quanto ao

só remarcaveis por sua ignorancia. E sabeis, imparciaes leitores, porque ainda algumas d'essas o quejandas nulidades apparecem, como perilampas no meio da selva, no recinto de nossas Assembleas, em cujo logar só advogão a nobreza aristocratica á que se que-rem filiar, mas d'onde são repellidos, como as gralhas empavonadas? he porque até hoje ainda se não voltou livremente; ainda se não conheceo, que se convem elevar o merito e não a ignorancia, a virtude, e não o vicio, a honesta, e não a crapula, e que para isso nada mais he mister do que desprezar as indignas cabalas de cameliões políticos, de sanguixugas do Estado, que só curão de si, e de terem hum titulo, hum nome, que não merecem, e de tramarem contra as formulas constitucionaes, que nos regem, para elevarem depois (se lhes fosse possível; o que negamos) o imperio de sua fofa aristocracia, em que pretendem figurar, em-hora fação a triste figura do—*Bourgeois gentilhomme* na insigne comedia do celebre Moliere. Eis o composto de inepcias.

O Sr. Carneiro de Campos (attenção imparciaes leitores) revelou n'esta discussão suas tendencias regressistas, e aristocraticas. Em seo discurso, deplo-rou as más nomeações do povo; lembrou a necessidade de impedir que a classe, que chamon baixa, subisse aos postos d'honra, ou de jurisdicção, que devia destinar-se unicamente aos ho-mens de certa ordem. Ponderou que o povo brasileiro era aristocratico, e que consequentemente era necessario alagar suas tendencias, vedando que homens de baixa extracção, e de côres diver-sas, podessem aspirar aos empre-gos do estado.

Em fim (diz o Redactor) o Sr. C. de C. mostrou-se hum verdadeiro setem-brista; pouco falta, para aconselhar a criação d'hum nobreza transmissivel;

e por ultimo, o anniquilamento de to-das as garantias constitucionaes!

LYRA

no dia 11 de Março de 1840, 18.º Anni-ver-sario do Natalicio do S. A. I. a Senhora Prin-cesa D. JANUARIA.

Salve, Princeza,

Teo Natalicio;

Sempre propicio

Te seja o Céo:

Benigna Sorte

Fiel Te ajude;

Alma Virtude

Te cinja o véo.

Idolatrada

Dos Brasileiros,

Ledor, fagueiros,

Teos dias sejam:

Todos os povos,

A' Ti votados,

Sempre admirados

Teos Feitos vejam.

Ah! quem nos dera,

Que neste dia

Nossa alegria

Posse maior!

Vendo a Teo lado,

Das leis co'o mundo,

Ja Governando

O Imperador:

Aos Cens dirigo

Teo voto santo,

Q'elles Teo canto

Escutarão:

Tu, que de Pátria

Só com a idade,

De liberdade

Deste lição! (1)

Vive, ó Princeza,

Gesta, e Virtuosa,

Qual bella Rosa,

Virginia flor:

Copia d'Aquella,

Que idolatrámos,

Nós Te juramos

Constante amor.

Por — F. de Paula Brito.

(1) Soltando o seo Canario, no dia Anni-versario Natalicio de seo Augusto Paes.

Imprensa Imparcial do Brito.

